

Conclusão

Apontei na introdução alguns motivos que levariam à conclusão de que hoje em dia existem muitas razões que levam o sujeito contemporâneo a deprimir-se. No entanto, também existiria uma menor tolerância à depressão. Segundo Ehrenberg (1998) a contemporaneidade seria palco de uma maior incidência de depressão entre os indivíduos, pois estes se sentiriam insuficientes ao tentarem realizar a exigência contemporânea de autoresponsabilização e autonomia. Bauman (2000), por outro lado, aponta para a importância atribuída à liberdade, hoje. Como uma sociedade pode agregar a responsabilidade apontada por Ehrenberg com a liberdade trazida por Bauman? Para Bauman a liberdade nos tiraria parte da segurança enquanto que Ehrenberg acredita que o indivíduo contemporâneo sente-se insuficiente. Se concordamos com estes argumentos podemos então supor que, de fato, o indivíduo hoje estaria apresentando cada vez mais estados deprimidos. Fica, então, a pergunta: realmente existem mais deprimidos, ou a sociedade se tornou mais intolerante com eles? Pode-se falar de uma sociedade mais depressiva? Este trabalho não tem respostas quanto a isto, mas o que se constata é que a depressão tem um lugar de destaque hoje em dia. Além disso, com o desenvolvimento dos medicamentos antidepressivos e juntamente com os ideais contemporâneos de velocidade e felicidade houve uma “patologização” da tristeza. Logo, nosso objetivo foi estudar a literatura psicanalítica contemporânea sobre depressão/melancolia discutindo autores que apontam para o lado saudável da tristeza.

Winnicott apresenta a depressão como um tempo em ritmo lento. Assim, dando-se a ela tempo, tenderia a desaparecer, pois o paciente precisa da possibilidade de elaborar suas dificuldades sempre num tempo próprio. A capacidade do sujeito de deprimir-se, de lidar bem com uma perda e curar-se está relacionada aos processos vividos no início de sua relação com sua mãe. Nesse sentido a capacidade de ficar só na presença da mãe e a ultrapassagem da posição depressiva da criança são processos fundamentais que possibilitam a experiência da depressão, enquanto uma reação saudável e necessária nos momentos de crise. A capacidade de deprimir saudavelmente, na concepção winnicottiana, assemelha-se ao que Fédida chama de depressividade ou capacidade depressiva enquanto

tempo de perceber o tempo psíquico. A depressividade, para Fédida, seria essa percepção desses tempos interiores e a capacidade de entrar em contato com o próprio tempo que levaria a um processo de criação. Fédida acredita que esta capacidade depressiva ou depressividade aparece toda vez que uma crise ocorre na vida de um sujeito, levando a necessidade de uma restauração narcísica sob a forma de um luto ou de uma depressão, no entanto, enquanto na depressão o que ocorre é uma distorção subjetiva do tempo e no luto acontece uma ampliação do espaço interno pelo contato mais intenso com a dor da perda, a depressividade se caracteriza pela experiência do tempo psíquico de cada um que possibilita o trabalho de elaboração enquanto criação, e isto requer tempo. Então, este mecanismo de retraimento, que Fédida muito bem relacionou com a “hibernação”, representa a capacidade do sujeito se dar o tempo necessário. Tempo este que não tem espaço na sociedade contemporânea e é valorizado por Fédida e Winnicott em suas abordagens clínicas.

Assim, acredito que hoje em dia, numa época onde se cultua a performance individual, a velocidade, a ação, qualquer comportamento que se assemelhe a um cansaço, uma necessidade de recolhimento, uma leve tristeza não se encaixa nesse ideal. É importante ressaltar que existe uma depressão e uma melancolia que devem ser tratadas e medicadas, e estas foram muito bem delimitadas por Lambotte, mas também existem graus de sentimentos e momentos da vida que exigem um maior recolhimento, uma certa tristeza, um tempo psíquico de elaboração. Se não se tem espaço para o trabalho de luto e o tempo que ele requer, então, pode-se pensar que a evitação do tempo necessário para um luto pode resultar numa depressão. Nesse sentido, sugerimos que a depressão toma o lugar do luto num contexto que parece não possibilitar o tempo necessário ao trabalho psíquico de elaboração que uma experiência de perda exige. Acredito que, nesse sentido, a função da psicanálise hoje se faz ainda mais importante na medida em que se constitui no espaço por excelência no qual o tempo psíquico necessário à elaboração do luto pode se dar, respeitando a singularidade e possibilidades de cada sujeito nos tempos atuais de perdas, exigência de velocidade e sentimentos de insuficiência.